



PORQUE É CARNAVAL

Ao registrar, por anos a fio, personagens do Carnaval de rua no Rio de Janeiro, o fotógrafo Rogério Reis surpreendeu-se com o talento que o povo tem para, de quase nada, extrair maravilhas de sonho, crítica e emoção [Having spent years portraying the characters of Rio de Janeiro's popular street parades, photographer Rogério Reis is amazed with the talent of ordinary people to create dreamlike costumes out of virtually nothing](#)

TEXTO *TEXT* CARLOS MORAES

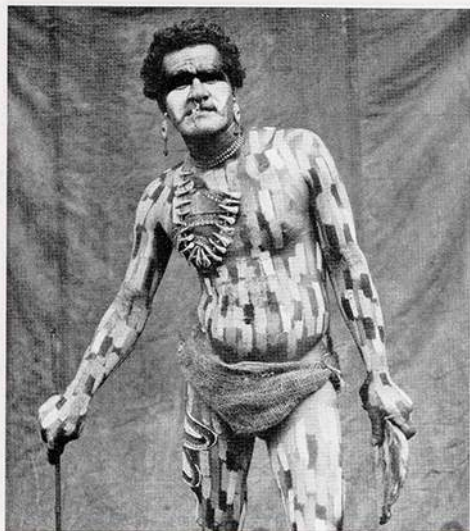


Because it's Carnival

O CARNAVAL É UM FARRANCHO BEM ANTIGO e sempre foi o que ainda é: liberdade, irreverência, contravenção. Na Roma antiga, durante as folias de Saturno, até aos escravos era permitido fazer e dizer o que quisessem. Outra coisa que o Carnaval sempre teve foi Deus no meio. Ísis no Egito, Dionísio na Grécia, Saturno em Roma, folia e divindade sempre se entenderam. Mesmo para a Igreja Católica o Carnaval se tornou uma farra aceitável antes das cinzas e jejuns da quaresma. Uma liberação de forças que a penitência, depois, viria ordenar. →

CARNIVAL IS AN AGE-OLD FESTIVAL of merrymaking and it still stands for freedom, irreverence and rule-breaking. Even the slaves in ancient Rome were allowed to do and say as they pleased during the Saturnalia.

Also, it has always been associated with some deity, be it Isis in Egypt, Dionysus in Greece or Saturn in Rome. In other words, revelry and divinity have always gone hand in hand. Even in the eyes of the Roman Catholic Church, Carnival was an acceptable debauchery before the Lenten season of →



PONTILHISMO,
CUBISMO,
PRIMITIVOS
ALIENÍGENAS...
POINTILLISM,
CUBISM,
PRIMITIVE
ALIENS...



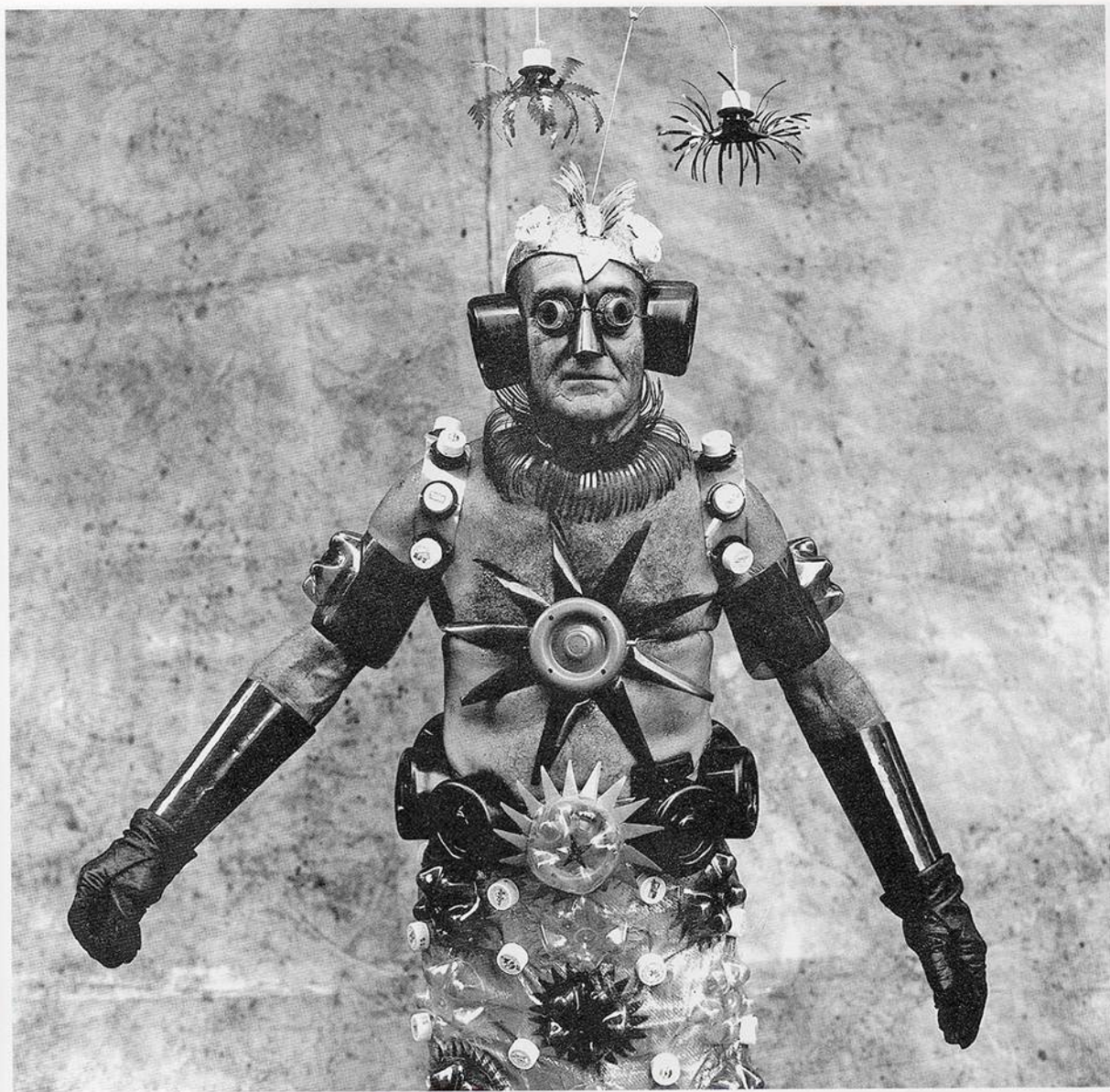
← No Brasil tudo começou com uma festa portuguesa, o entrudo (um intróito da quaresma), que eram batalhas de rua na base da fruta passada e do ovo podre. Nosso entrudo inaugural foi um que o governador do Rio estimulou para celebrar a coroação do rei Dom João IV, em 1641. Nem sonhava o bom governador no que estava se metendo.

Porque o bicho pegou. Nos anos subseqüentes, o brasileiro tomou a máscara italiana, a fantasia francesa, a batida africana e mandou ver, três dias sem parar. E vieram as batalhas de limões de cheiro, bolas de cera cheias de água perfumada, precursores do lança-perfume; e vieram os primeiros bailes de salão (1840), os primeiros cordões de rua já com toque afro e

← prayer and fasting, a release of basic instincts that penitence was then expected to subdue.

In Brazil, the whole story began with a Portuguese festivity in which merrymakers engaged in skirmishes out on the streets, pelting each other with moldering fruit and rotten eggs. It was first promoted down here by the then governor of Rio de Janeiro to celebrate the coronation of Dom João IV in 1641. Little did the good governor know what he was getting into.

For the idea caught on. In the years that followed, Brazilians adopted the Italian mask, the French costume, their forebears' African beat and took off, frolicking for three days



mestre de apito (1885) e veio um certo Zé Pereira com seu bumbo (1896) que prenunciava a cuíca, o reco-reco e a frigideira. E depois os ranchos com seus reis e pastorinhas que nos legaram o mestre-sala e o porta-estandarte, e a marcha-rancho que redundou na imortal *Ó Abre Alas*, de Chiquinha Gonzaga (1899), a primeira grande marchinha de Carnaval. Foram então as ruas tomadas pelos corsos em finos carros sem capota (1907), e pelos desfiles de carros alegóricos, uma criação extra-curricular do romancista José de Alencar e, por fim, pelas escolas de samba, a primeira foi a *Dexa Falar* do Estácio (1929), e a coisa foi indo e crescendo, e tudo terminou no Sambódromo, com televisão.

E aí, cansou. →

on end. Later, the rotten fruit and eggs gave way to wax syringes filled with scented ether which the revelers squirted on one another, a prank that persists to date except that we now use atomizers instead. The second half of the 19th century saw the advent of masquerades (1840), the first Carnival crews parading down the streets to the afro beat of drums and the whistle of a helmsman (1885), until someone by the name of Zé Pereira joined in with his bass drum, portending the introduction of other typical Brazilian instruments. The festivity kept growing in importance, culminating in the construction of a *sambódromo* on Marquês de Sapucaí Avenue where the show could be staged and televised. →



A FUNÇÃO DA LONA:
 MANEIRAR
 OS EXCESSOS
 NATURAIS DA FESTA
 THE CANVAS WAS
 USED TO PLAY DOWN
 THE EXCESSES OF A
 FESTIVE OCCASION



← Talvez não as escolas, os patrocinadores. Cansou, no caso, um fotógrafo: Rogério Reis. Anos e anos cobrindo o Sambódromo para os jornais em que trabalhava, Rogério foi ficando um pouco enjoado de tanta e tão impecável superprodução. Que fez? Deixou de lado a Marquês de Sapucaí e saiu pela cidade em busca do Carnaval livre das ruas, mais louco e terrível nas suas manifestações, mais inocente na sua maldade. Pegou uma Hasselblad, uma lona de caminhão e saiu da alma do Carnaval. Para limpar excessos, usava a lona como pano de fundo e o preto-e-branco quase pelo mesmo motivo. Pela zona sul deu com travestis radiantes e bem elaborados, pelas ruas do centro encontrou carnavalescos com causa, uns que, não podendo ir a Davos,

← However, by then, the excitement was gone. Perhaps not for the public at large or for the merry-makers, but definitely for photographer Rogério Reis, who had grown tired of all that dazzling, impecable performance after covering the event for the press year after year. So, what did he do? He stepped off Marquês de Sapucaí and into the city to recapture the spontaneity of its popular street parades, more wild and awesome in their manifestation of the Carnival spirit, but also less calculating in their malice. Armed with a Hasselblad and a piece of canvas, he turned his back on mainstream Carnival to register these lesser events in black and white and using his canvas as a back-



na Rio Branco mesmo, mandavam ver contra as injustiças deste mundo. Nos subúrbios registrou foliões que se fantasiavam com sobras do próprio trabalho, nessa competência que o povo tem de tirar maravilhas de quase nada, o chique da sucata. E havia também os foliões solitários, que vinham de si mesmos, dos seus subúrbios internos, do seu puro inconsciente liberado.

Rogério, nesses 15 anos, encontrou de tudo. Bombeiro fantasiado de baloeiro, ex-policia vestida contra a violência, damas esplendorosas em seus vestidos de caixa de fósforo e lacre de cerveja, homenagens a Nossa Senhora e a Dalva de Oliveira, monstros deste e do outro mundo, meninos lambuzados de suvinil branco, duros soldados nazistas, trêfegas travencas dálmatas. →

drop, precisely to purge the portraits of any excess. In the red-light district he encountered radiant transvestites in carefully designed costumes; in the downtown area he met revelers with a cause voicing against the world's injustices right there on Rio Branco Avenue, miles away from inaccessible Davos. In the outskirts he photographed merrymakers dressed in outfits made from the scraps of their own daily labor, with that skill typical of ordinary men and women who can create wonders out of virtually nothing. And there were also lonesome navigators stepping out of their inner selves, from that twilight zone of the unconscious which shelters our brightest angels and most frightful horrors. →